

QUESTÕES DE GÊNERO, QUESTÕES DE SI: AS CORRESPONDÊNCIAS DE GABRIELA MISTRAL E VICTORIA OCAMPO

GENDER ISSUES, ISSUES OF THE SELF: THE CORRESPONDENCES EXCHANGED BETWEEN GABRIELA MISTRAL AND VICTORIA OCAMPO

ANA BEATRIZ MAUÁ NUNES ^{1*}

Resumo: Este artigo tem como objetivo refletir sobre os debates travados entre Gabriela Mistral e Victoria Ocampo em torno das identidades latino-americanas em suas correspondências, trocadas entre 1926 e 1956. A questão das identidades hispano-americanas foi um ponto central em seu diálogo epistolar e suscitou profundas tensões entre as escritoras, que possuíam entendimentos opostos sobre o tema. Tanto os sentidos da formação identitária latino-americana, quanto as suas responsabilidades individuais perante o desenvolvimento de seus países de origem eram percebidos de maneiras diversas. O único ponto de convergência era o entendimento de que todos os nascidos na América Latina compartilhariam o sentimento denominado de *americanidad*, proporcionado pelo passado comum de dominação colonial ibérica. Este conceito, entretanto, não era precisamente delimitado e os esforços para caracterizá-lo ocasionavam profundos dissensos. Enquanto Mistral advogou fervorosamente pela emancipação dos povos indígenas e pela questão agrária, Ocampo direcionou sua atuação para a construção de diálogos intelectuais e econômicos com o Velho Mundo, os quais seriam necessários para o desenvolvimento material e espiritual de seu país. O pensamento político de Gabriela Mistral está substancialmente caracterizado pela defesa do indigenismo, pela proposição de reformas agrárias e pela necessidade de afirmar a identidade latino-americana em contraposição à dominação europeia e estadunidense. Para Victoria Ocampo, as temáticas mais pungentes em seus escritos estão relacionadas à reivindicação das Américas enquanto espaço primordial de troca constante entre o nacional e o universal.

Palavras-chave: identidades latino-americanas; Gabriela Mistral; Victoria Ocampo;

Abstract: This article intends on making a reflection of the debates between Gabriela Mistral and Victoria Ocampo on Latin American identities in their correspondence, exchanged

¹ Artigo recebido em 30 de abril de 2019 e aprovado para publicação em 29 de julho de 2019.

* Mestranda em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História Social da Universidade de São Paulo. Contato: biamauanunes@gmail.com. O artigo é resultado da pesquisa desenvolvida com suporte financeiro da FAPESP. Bolsista - Processo nº: 2017/02839-9 Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo - CAPES. As opiniões, hipóteses e conclusões ou recomendações expressas neste material são de responsabilidade da autora e não necessariamente refletem a visão da FAPESP e da CAPES.

between 1926 and 1956. The question of the Hispanic American identities was a central point in their epistolary dialogue and raised deep tensions between the writers, because they had opposite understandings on the subject. Both the senses of Latin American identity formation and their individual responsibilities to the development of their countries of origin were perceived in different ways. The only point of convergence was the understanding that all those who were born in Latin America would share the so-called *Americanidad* sentiment, caused by the past of common Iberian colonial domination. This concept, however, was not precisely defined, and the efforts to characterize it led to profound dissent. While Mistral fervently advocated for the emancipation of indigenous peoples and the agrarian question, Ocampo directed his work towards the construction of intellectual and economic dialogues with the Old World, which would be necessary for the material and spiritual development of his country. Gabriela Mistral's political thinking is substantially characterized by the defense of indigenism, by the proposal of agrarian reforms and by the need to affirm Latin American identity as opposed to European and US domination. For Victoria Ocampo, the most poignant themes in her writings are related to the claim of the Americas as a primordial space of constant exchange between the national and the universal.

Keywords: latin-american identities; Gabriela Mistral; Victoria Ocampo;

As escritoras Gabriela Mistral e Victoria Ocampo mantiveram intenso intercâmbio epistolar entre 1926 e 1956, após serem apresentadas pela pedagoga María de Maeztu. Para além do afeto cultivado entre Mistral e Ocampo, a troca de correspondências funcionava como um espaço privilegiado para que refletissem sobre suas experiências enquanto mulheres, escritoras de origem latino-americanae atuantes na América Latina, Europa e nos Estados Unidos. Embora tratassem de temáticas pertinentes às suas vidas particulares, como relacionamentos amorosos, maternidade e suicídio, as correspondências tornaram-se um instrumento necessário para a articulação das escritoras nos campos literário e intelectual. Observamos, neste sentido, que a troca de cartas construiu um espaço para que mulheres, que adentraram o mundo das artes e das letras, pudessem discutir a respeito de projetos estéticos, políticos e culturais, antes de serem tornados públicos. Da mesma forma, nas cartas, essas mulheres articularam redes de sociabilidade intelectual, responsáveis por alavancar suas produções individuais. Por meio de trocas de poemas, resenhas e publicações literárias, Mistral e Ocampo colaboraram entre si e contribuíram para suas consagrações.

Mistral e Ocampo partiram de origens sociais e étnicas bastante distintas. Ramona Victoria Epifania Ocampo nasceu em 1889 no bojo de uma família da oligarquia portenha.²De

² Neste trabalho, desenvolvo de modo mais detido algumas problemáticas apresentadas em artigo publicado na Revista da ANPHLAC, em 2018, intitulado “Para quebrar o monólogo masculino: reflexões sobre o papel das mulheres no mundo das letras nas correspondências de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926 – 1956.” VER: MAUÁ NUNES, Ana Beatriz. “Para quebrar o monólogo masculino: reflexões sobre o papel das mulheres no

acordo com os ditames da educação tradicionalmente impostos para meninas de seu tempo e condição social, Victoria foi alfabetizada em francês, inglês e, posteriormente, em espanhol.³ Em 1931, fundou a Revista *Sur*, anos depois, um selo editorial com o mesmo nome. A inauguração da *Sur* foi constantemente justificada por Ocampo a partir do argumento de que se tratava do fruto da necessidade de promover a integração cultural da Argentina com um circuito internacional das artes e da literatura. A escritora financiou a tradução e publicação de escritores estrangeiros pela *Sur*, bem como viagens de intelectuais estrangeiros para a Argentina, onde ministraram palestras e conferências: Ocampo desejava fazer de sua residência em San Isidro, Buenos Aires, um polo de encontro cultural e artístico.⁴ Seu empenho enquanto editora-chefe da Revista marcou significativamente sua trajetória pessoal e profissional e, embora tenha se dedicado intensamente ao periódico, recebeu duras críticas por intelectuais engajados de sua época, que alegavam que a escritora portenharepresentava um reduto de intelectuais “esnobes” ou “elitistas”.⁵

Sua correspondente, Gabriela Mistral, cobrou um posicionamento mais enfático e contundente da parte de Ocampo, especialmente, em relação às mazelas sociais e políticas de seu país. Em certa medida, as cobranças de Mistral se justificam por sua trajetória de vida, muito diferente daquela experienciada por Ocampo. Mistral nasceu em 1889, no mesmo sete de abril que Victoria, em Vicuña, no Chile. O seu nome de batismo era Lucila Godoy Alcayaga. Recebeu educação formal até os treze anos, quando passou a trabalhar como professora e secretária, além de compor poemas, publicados com frequência no jornal de sua cidade. O reconhecimento e destaque no âmbito educacional, especialmente sobre temáticas relacionadas à educação indígena, resultaram no convite para que trabalhasse no México durante o período pós-revolucionário, convite que fora realizado pelo então Secretário da

mundo das letras nas correspondências de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926 – 1956.” *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, Nº. 24, p. 101-131, Jan./Jun., 2018.”

³ Em 1924, Ocampo publicou sua primeira obra, intitulada *De Francesca a Beatrice*, pela Revista de Occidente, em Madrid, apresentada pelo epílogo de José Ortega y Gasset. Posteriormente, publicaria outras obras, como *Emily Brontë: terra incógnita* (1926), *Domingos no Hyde Park* (1936), *El viajero y una de sus sombras: Keyserling en mis memórias* (1951). Entretanto, suas obras mais notáveis são a série de *Testimonios* e a *Autobiografía*. A primeira consiste em dez volumes publicados entre 1935 e 1977, em que Ocampo apresenta ao leitor ensaios de caráter autobiográfico ao lado de conferências proferidas por ela, resenhas literárias e cartas públicas. A segunda, por sua vez, trata-se de uma autobiografia organizada em seis tomos publicados após o falecimento da escritora em 1979. OCAMPO, Victoria. *El Archipiélago*. Buenos Aires: Ediciones Sur, 1979.

⁴ A residência de Victoria Ocampo em San Isidro foi doada para a UNESCO após a sua morte. Atualmente, a instituição mantém a Villa Ocampo, espaço de promoção de artes e cultura, além de preservação da memória da escritora.

⁵ Sobre a atuação de Ocampo na *Sur* e a relação com a cultura política da Argentina da época, consultar a obra de Paulo Renato da Silva sobre as interações entre Ocampo e os intelectuais aglutinados ao redor da *Sur*. VER: SILVA, Paulo Renato da Silva. *Victoria Ocampo e intelectuais de “Sur”: cultura e política na Argentina (1931-1955)*. Campinas, SP : [s.n.], 2004..

Educação Pública, José Vasconcelos. O comprometimento com a produção e mediação cultural marcou a vida de Mistral, que ficou conhecida tanto por sua carreira na educação, quanto pela produção de obras literárias, como o livro de poesias *Desolación*, de 1922.⁶ Na década de 1920, foi convidada a representar a América Latina na Europa, na Liga de Nações do Instituto de Cooperação Intelectual, e atuou como consulesa do Chile em diversos países, incluindo Espanha, Estados Unidos, Portugal e Brasil. Consagrou-se internacionalmente enquanto escritora com a conquista do Prêmio Nobel de Literatura em 1945, sendo a primeira mulher latino-americana, até os dias de hoje, a única premiada pela Academia Sueca.

Neste artigo, a partir da análise da correspondência trocada entre Ocampo e Mistral, temos por objetivo investigar como essas escritoras mobilizavam suas percepções a respeito dos significados e sentidos da identidade latino-americana. Não obstante, perceberemos como trajetórias das duas escritoras latino-americanas, simultaneamente distintas e semelhantes, foram permeadas por tensões de caráter identitário e político. A possibilidade de reflexão e troca intelectual por meio das cartas permitiu que Mistral e Ocampo redescobrissem e redefinissem identidades políticas e, ao mesmo tempo, suas subjetividades. Por conta de tais possibilidades de análise e investigação, julgamos extremamente positiva a utilização de correspondências de mulheres artistas e intelectuais enquanto fontes históricas extremamente ricas para os estudos do campo da História das Mulheres e das Relações de Gênero.⁷

Antes de mais, faz-se necessário elaborar algumas reflexões teórico-metodológicas que estão atreladas às matérias deste artigo. A possibilidade de observar as diferenças entre os sexos no âmbito da elaboração e fixação de características estruturais e, sobretudo, estruturantes, ampliou os horizontes investigativos de pesquisadores e pesquisadoras em diversas áreas do conhecimento, da saúde pública ao direito, passando pelas letras e ciências sociais. A partir das últimas décadas do século XX, do ponto de vista analítico, as mulheres passaram a ser estudadas enquanto agentes históricos. Nesse sentido, a condição das mulheres, em diferentes tempos e sociedades, passa a ser objeto de investigação.⁸ Em *História das Mulheres*, Joan Scott também pondera sobre a escrita da história das mulheres e a história das relações de gênero, advertindo que este esforço não se constitui simplesmente por incorporar sujeitos subalternos às narrativas oficiais e por preencher as lacunas dos grandes feitos políticos e econômicos. NOTA. Em seu artigo “Gênero: uma categoria útil de análise

⁶ VER: MISTRAL, Gabriela. *Desolación*. New York: Instituto de las Españas en los Estados Unidos, 1922.

⁷ SCOTT, Joan. Gender: a useful category of historical analyses. *Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press, 1989, p. 89.

⁸ *Idem*, p. 34.

histórica”, Scott propõe o conceito de gênero para investigar “maneiras como as sociedades representam o gênero, o utilizam para articular regras de relações sociais ou para construir o sentido da experiência.”⁹ Ao defender a ampliação do escopo investigativo da História das Mulheres para uma História das Relações de Gênero, Scott enfatiza a importância da investigação sobre a “organização social da relação entre os sexos”, isto é, o estudo direcionado não apenas às mulheres, mas também aos homens, que prioriza perceber o movimento de criação de estereótipos de gênero. Ao contrário de investigar as mulheres de maneira isolada – sempre atreladas à esfera familiar, excluídas da vida pública – seria produtivo entender o conceito de gênero como uma categoria capaz de problematizar o entendimento de que separação de papéis específicos destinados a homens e mulheres estaria atrelada a aptidões naturais ou biológicas.

As definições de gênero, desta forma, seriam construídas através de relações sociais, responsáveis por enunciar e conferir significado às relações de poder. Scott, a nosso ver, salienta a relevância de historicizar o conceito de mulher e homem para garantir o amplo entendimento sobre os signos e símbolos atrelados à feminilidade e à masculinidade em determinadas circunscrições temporal e geográfica. Essas discussões foram de extrema relevância para o processo, ainda em trânsito, de desconstruir a noção de existência de uma essência feminina comum a todas as mulheres, independentemente de sua origem social e etnia.

Uma corrente teórico-metodológica que contribuiu significativamente para o desenvolvimento da História das Mulheres e das Relações de Gênero foi a da chamada *escritas de si*¹⁰. Segundo essa perspectiva, por meio da análise do que é aparentemente restrito ao privado, como diários, cartas e autobiografias, compreendemos os bastidores da trajetória de mulheres que atuaram na vida pública. No caso Mistral-Ocampo, podemos observar quais os modos como negociaram a sua inserção no mundo das letras, como dialogaram sobre a condição das mulheres latino-americanas e ponderaram a respeito de suas concepções de mundo e de América Latina.

Embora a amizade entre Mistral e Ocampo fosse permeada por afeto e cuidado, certos pontos de tensão permaneceram ao longo dos trinta anos de diálogo, como as questões sobre o engajamento político, os significados da identidade latino-americana e a atuação do

⁹*Idem.*

¹⁰O conceito foi cunhado pelo filósofo Michel Foucault, FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: O que é um autor? Lisboa: Passagens. 1992. pp. 129-160.

movimento feminista. Tais tensões podem ser entendidas pela necessidade de assumir ou renunciarcertos posicionamentos políticos e ideológicos, pois, ainda que fossem amigas, eram também duas escritoras que se projetavam no mundo das letras.

Assim, as cartas devem ser entendidas como fontes capazes de fornecer indícios sobre osposicionamentos políticos, os dilemas pessoais e as redes de sociabilidade intelectual pelas quais as correspondentes transitavam. Ao mesmo tempo, parte-se do pressuposto de que a carta é uma ferramenta de negociação – no caso de Ocampo e Mistral, sobrepublicações de livros e ensaios –; de convencimento – sobre debates políticos – e de inauguração ou de reforço de laços de amizade.¹¹ Frequentemente, temáticas que emergiam nas correspondências não eram trazidas ao debate público. Por isso, é necessário considerar o ambiente privado como um espaço privilegiado para a liberação de ideias, questões e tensões. A utilização da correspondência como fonte primária para a investigação de trajetórias políticas e intelectuais de mulheres escritoras atuantes na primeira metade do século XX nos oferece a possibilidade de balancearmos a dimensão pública de uma vida por meios privados. Isto é, analisar como essas mulheres percebiam sua atuação, conferiam significados às suas experiências e planejavam (ou não) suas respectivas carreiras.¹²

A natureza da epistolografia é híbrida. Seu gênero literário é inclassificável: transita entre testemunho, ensaio, poesia e diálogo. Os códigos de conduta de sua produção e circulação variam de acordo com o tempo e com o espaço. Por conta de sua associação ao privado, as correspondências estiveram historicamente atreladas ao feminino, como um gênero menor. As mulheres souberam, entretanto, utilizar das cartas em seu próprio benefício,tornando-as um valioso instrumento de negociação de projetos estético-literários e um meio de compartilhamento de ideias, tanto no quesito político quanto intelectual.Afinal, a carta convidava as mulheres à escrita e à reflexão, especialmente sobre temáticas suprimidas do debate público.

¹¹A respeito da utilização de correspondências como fontes de análise para as ciências humanas, consultar: MORAES, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo, EDUSP/FAPESP, 2007, p. 29.

¹²A data de falecimento de Gabriela Mistral é 10 de janeiro de 1957. Por este motivo, utilizo como baliza temporal a última correspondência trocada entre as escritoras, que data de dezembro do ano anterior. Embora tenham se correspondido ao longo de trinta anos (1926 a 1956),encontraram-se pessoalmente somente cinco vezes. A primeira delas foi em dezembro de 1934, quando Mistral trabalhava como consulesa em Madrid; depois em 1938, quando Mistral se hospedou na casa de Ocampo em Mar de Plata. O encontro seguinte se deu em 1939, na cidade francesa de Nice; o quarto encontro ocorreu em Washington, em 1946; e o último encontro aconteceu em 1956, em Nova Iorque.

Americanidades em negociação: percepções sobre os sentidos da identidade latino-americana no diálogo epistolar

O pensamento político de Gabriela Mistral está substancialmente permeado pela defesa do indigenismo, pela proposição de reformas agrárias e pela necessidade de afirmar a identidade latino-americana em contraposição à dominação europeia e estadunidense. Para Victoria Ocampo, em contrapartida, as temáticas mais pungentes em seus escritos estão relacionadas à reivindicação das Américas como um espaço primordial de troca constante entre o nacional e o universal, inclusive, como forma de garantir o desenvolvimento e progresso do continente. Enquanto Mistral se autoafirma como herdeira das comunidades indígenas pré-colombianas, Ocampo tenta conquistar para si o selo de cidadã do mundo. Observamos, neste sentido, que a construção das identidades latino-americanas ocorre em duas vias. A primeira diz respeito às posições assumidas perante temas coletivos e questões políticas. Já a segunda refere-se à subjetividade, uma vez que está associada aos modos como o indivíduo observava a si mesmo diante de problemas sociais, políticos e econômicos.¹³

O pensamento indigenista teve profundo impacto na produção poética e crítica de Gabriela Mistral. Da mesma maneira, o papel da autora na concretização e difusão dos preceitos adotados pelo movimento – isto é, retomada da centralidade das comunidades indígenas nas sociedades hispano-americanas – é importante, tendo em vista sua participação ativa em instituições nacionais e internacionais.¹⁴ Em correspondência destinada à Ocampo,

¹³ De acordo com Maria Lígia Prado, em *Uma Introdução ao Conceito de Identidade*, a solidificação de identidades nacionais integrou o projeto das elites de consolidarem sua dominação sobre as “diversas sociedades nacionais, baseadas numa identidade homogênea que lhes garantisse a hegemonia política”. Para serem bem-sucedidas nesta empreitada, “postularam-se como portadoras do espírito civilizador e da razão letrada, o que lhes conferiam legitimidade para se colocarem acima de negros, índios e mestiços”. Como a autora afirma neste texto, o processo de construção de identidades é formulado “pelos discursos que constituem o real, integram o jogo conflituoso de imaginários e das representações, e, ao mesmo tempo, tocam os corações e despertam a sensação de pertencimento do indivíduo a uma coletividade”. Por este motivo, a identidade nacional é construída a partir da repetição de “imagens, símbolos e valores”. Ainda de acordo com Prado, é relevante frisar que embora o esforço das elites latino-americanas tenha caminhado em direção ao apagamento e desqualificação dos pobres, mulheres, índios, negros e mestiços, inclusive, como uma forma de reiterar sua exclusão da esfera pública, tais figuras “emergiam e penetravam nos discursos políticos, nos romances, na pintura, indicando a heterogeneidade da sociedade”. Este fator reforça, especialmente, o caráter híbrido e plural das formações identitárias e justifica as ambiguidades ao especificar fronteiras e significados precisamente delimitados. VER: PRADO, Maria Lígia C. “Uma introdução ao conceito de identidade”. In: BARBOSA, Carlos Alberto Sampaio Barbosa; GARCIA, Tânia da Costa. (Org.). *Cadernos de Seminários de Pesquisa Cultural e Políticas nas Américas*. Volume I. 1ed. Assis: FCL-Assis-Unesp Publicações, 2009, v. 1, p.66.

¹⁴ Por um lado, embora Gabriela tenha sempre defendido fervorosamente a grandiosidade de suas origens, foram poucos os anos em que viveu na América Latina quando adulta. As cobranças direcionadas à sua interlocutora em relação à tomada de posições mais contundentes em defesa do progresso e desenvolvimento espiritual do subcontinente, em certo momento, voltaram-se contra ela. Ocampo questionava por qual motivo optava por não residir em seu continente de origem. Inclusive, por conta das frequentes manifestações contrárias por parte de Mistral em relação às “gentes” do mundo: para ela, os franceses, estadunidenses e espanhóis não possuíam a

Mistral afirmava que o genuíno latino-americano seria “el labrador quéchuwa, mapuche, mestizo, americano, hombres o mujeres que trabajan en el campo y rescatan sus frutos para el bien de toda la humanidad.”¹⁵

A recuperação do indígena, na qualidade de elemento central da autoctonia hispano-americana, compõe a envergadura central do pensamento mistraliano.¹⁶ O esforço para demonstrar os modos como as culturas indígenas poderiam contribuir para o desenvolvimento material e intelectual da América Latina esteve presente na produção crítica de Mistral, mas também em sua escrita epistolar. Para a autora, era fundamental afirmar a possibilidade de cooperação com a sociedade por meio de sua sensibilidade espiritual, manifesta na dança, na música e no artesanato. As cartas eram ferramentas apropriadas para negociar e persuadir intelectuais à causa de sua *americanidad*. Nos textos redigidos à mão, a poetisa chilena denunciava a exclusão social e econômica dos indígenas pelos países em que passava. Assim, ela justificava a necessidade de todos os latino-americanos, especialmente escritores, artistas e políticos, de estarem efetivamente comprometidos com esta causa.

Se por um lado a centralidade da América Latina prevalecia no pensamento estético e político de Mistral, por outro a postura de Victoria Ocampo foi profundamente marcada pelo cosmopolitismo, cultural e político. Os temas sobre os quais se deteve também são bastante diversos. Raras são as manifestações em relação às comunidades indígenas, tampouco sobre a questão agrária e da terra. Em sua produção discursiva, observamos a profusão de questões referentes à circulação cultural entre as Américas e a Europa; as tensões entre o nacional e o cosmopolita; e, especialmente, seu esforço para se autoafirmar como “cidadã do mundo”, isto

mesma densidade espiritual que os latino-americanos. Por este motivo, só se sentia verdadeiramente acolhida pelos seus.

¹⁵“O trabalhador quéchuwa, mapuche, mestiço, americano, homens e mulheres que trabalham no campo e colhem seus frutos para o bem de toda a humanidade”. MISTRAL, Gabriela [Carta de 19 de Maio de 1940, Niterói, Brasil] para OCAMPO, Victoria. In *Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. El Cuenco de Plata: Buenos Aires, 2006.

¹⁶ São diversas as publicações em jornais chilenos e, sobretudo, europeus e estadunidenses, a respeito dos impasses da integração política e econômica das populações indígenas, da condição de pobreza e de abandono a que estavam relegadas. Ao mesmo tempo em que reivindicava a sua herança indígena, reforçava a urgência da integração dos indígenas nas disputas políticas e sociais do tempo presente. A autora critica enfaticamente a opressão das comunidades indígenas, que tiveram início com a chegada de Colombo no continente. A premissa de que deveriam ser catequizados e domesticados escancarava a brutalidade com a qual os seus modos de vida eram interpretados aos olhos do colonizador: a conquista e colonização seriam favores civilizatórios prestados às comunidades pré-colombianas, vivendo em estado de barbárie até a sua chegada. Os desdobramentos do rebaixamento dos indígenas eram observados, inclusive, pela negação dos *mestizos* em não reconhecerem a herança não-branca. Aos olhos da autora, tal comportamento reforçava a pretensão de superioridade dos brancos sobre as populações autóctones. As interações entre brancos e indígenas teriam dado origem às sociedades *mestizas*, característica essencialmente americana. Por este motivo, Mistral enxergava na negação das origens indígenas uma forma de traição dos mestiços em relação à sua composição étnico-racial, pois omitiam a importância do índio tanto em *su raza y sangre* como em costumes e tradições. MISTRAL, Gabriela. *Elogio de las cosas de la tierra*. Santiago, Chile. Ed: Roque Esteban Scarpa. 1980.

é, como alguém capaz de transitar com facilidade entre culturas diferentes. Em seu entendimento, ser “americana” era, essencialmente, ser *criolla*. Essas são as principais questões abordadas pela autora e se diferem substancialmente daquelas tratadas por Mistral, ainda que dialoguem com o grande tema das identidades latino-americanas.

Para averiguar os motivos pelos quais a escritora portenha direcionou o seu empenho para defesa da construção de pontes transnacionais entre as Américas, os Estados Unidos e a Europa, não basta realizar uma análise sobre a sua condição abastada e formação em francês e inglês como os únicos motivos para seu forte cosmopolitismo. As pessoas com as quais estabeleceu laços e amizades, os lugares que frequentou e, principalmente, a forma como se sentia confortável transitando entre os países europeus também proporcionaram a ela a visão de que seria possível estabelecer pontes culturais, em que transitariam artistas e intelectuais de diversas origens. Tanto seu projeto autobiográfico como sua atuação na vida pública foram arquitetados no sentido de representá-la como dona de uma “alma sem passaporte”. Na visão da autora, sua trajetória particular se mistura com um traço político do próprio continente. Vale acrescentar que, a defesa do cosmopolitismo esteve presente no discurso de intelectuais antiperonistas, que buscavam nesse argumento um modo de diferenciação do nacionalismo defendido por Perón.

Os primeiros livros publicados por Ocampo foram redigidos e publicados em francês, como *Le Vert Paradis*. Tal empreitada não aconteceu apenas por sua afinidade com o francês, mas indica a sua ambição em estabelecer diálogos com escritores e intelectuais europeus, bem como com certa cultura letrada latino-americana, fortemente influenciada pelos pensadores franceses. A autora defendeu, enfaticamente, que o desenvolvimento material e espiritual da América Latina aconteceria por meio de uma produção intelectual com vistas à conformação de uma tradição literária e artística, de mesmo gabarito e densidade que a europeia.

Se para Ocampo a importância de sua formação em francês e inglês era incontestável, inclusive por conta de sua condição social, sua interlocutora chilena compreendia o fato como “aberración pura”. Além de ser “contraditória”, a utilização das línguas francesa e inglesa no entendimento de Mistral era um extravio em relação a sua língua materna, o espanhol, sendo que, a seus olhos, o espanhol estaria mais próximo do Latim, a língua romântica:

“apesar de tu infancia en francés – aberración pura – y de tu amor al inglés, que entiendo muy bien, no puedo comprender tu antipatía al español. Tú sabes que el

latín es cosa fundamental de este mundo. Pues bien, el español es una de las dos lenguas románticas más apretadas al Latín.”¹⁷

A crítica de Mistral não era exclusivamente direcionada aos Aguirre Ocampo, afinal, a instrução de meninas e mulheres das famílias abastadas das elites *criollas* da América Hispânica, ao menos até meados do século XX, ocorria naqueles moldes. Era de primeira importância que essas moças possuíssem, além de dotes, refinamento literário, sem que adentrassem em assuntos entendidos como “masculinos”. As proposições tão enfáticas à adoção do espanhol como primeira língua podem ser observadas, ainda, como reação às inúmeras correspondências redigidas em francês por Ocampo à Mistral. Embora Ocampo defendesse enfaticamente a utilização do francês, inclusive, de temáticas entendidas como “europeias”, Mistral não se convencera, pois acreditava que tal apreço excessivo provocava prejuízo à qualidade de seus escritos.

Os esforços para que Mistral convencesse a Ocampo de que o seu compromisso era com a América e não com a Europa se desdobram em muitas frentes. Aquela escritora mobilizava estratégias argumentativas e de persuasão que, embora carreguem o afeto de uma amizade, evidenciam disputas políticas e ideológicas entre as correspondentes.

Le repito, porque no sobra, lodicho a Ud., confuerza y cariño o con una fuerzacariñosa: algunas gentes a quienes preocupa elhecho americano *como unidad*la necesitamos y solemos sentir que Ud. Nos falta. Que como nos falta y enqué? Es un pocoingenuodetallar y concretar: comienzafaltándonosenlalengua, continúa faltándonosen una espécie de europeismomayor que.. eleuropeo, acaba faltándonosenlapreferencia de los temas exóticos cuandoescribe.¹⁸

A escritora chilena não foi a primeira a questionar a utilização do francês em sua escrita e a abundância de referências à cultura e tradição literária francesas. Com o objetivo de fundamentar suas escolhas, Ocampo havia redigido, dez anos antes, o ensaio *Palabras Francesas*, publicado na primeira edição da Revista *Sur*, em 1931. De acordo com a autora, o idioma francês era um lugar, onde seu “espírito estava aclimatado”. As memoráveis tardes de sua infância, em que conversava com suas instrutoras em francês, compunham uma atmosfera

¹⁷“Apesar da sua infância em francês – aberração pura – e de seu amor ao inglês, que entendo muito bem, não posso entender sua antipatia pelo espanhol. Você sabe que o latim é fundamental. Pois bem, o espanhol é uma das duas línguas mais próximas ao Latim.” MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] para Victoria Ocampo. In: *Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuencode Plata, 2006.

¹⁸“Lhe repito, porque não lhe poupo, lhe digo, com força e carinho, ou com uma força carinhosa: algumas pessoas a quem preocupa a unidade americana, precisamos de você e sentimos que você está em falta. Estamos perdendo. E como você está em falta e no que? É um pouco ingênuo detalhar e concretizar: começa nos faltando com o uso da língua, continua faltando com a sua espécie de europeísmo maior que o.. europeu, e acaba nos faltando quando escolhe temas exóticos para escrever.” MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] para Victoria Ocampo. In: *Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El Cuenco de Plata, 2006.

particular, na qual o seu pensamento se articulava nessa língua. Foram as palavras francesas que a ensinaram que “nose puede escapar del silencio de otro modo que por el grito”¹⁹. Cada termo era carregado de afeto e de experiências de sua infância e juventude. Assim, para Ocampo, o ato da escrita só poderia ser genuíno se cada palavra tivesse respaldo em episódios de sua trajetória.

Era justamente por causa de sua *americanidad* que se dedicava à escrita. Segundo Ocampo, o impulso de escrever estava mais associado à necessidade de explicar sua vida e a realidade circundante do que realizar experimentações puramente estéticas, embora elas fossem igualmente relevantes. Esse ímpeto criador, ou melhor, “explicador” é uma característica puramente “americana”:

Si no hubiese sido americana, en fin, no experimentaría tampoco, probablemente, esta sed de explicar, de explicarnos y de explicarme. En Europa, cuando una cosa se produce diríase que está explicada de antemano. Cada acontecimiento nos hace la impresión de llevar, desde su nacimiento, un brazalete de identidad. Entra en un casillero. Aquí, por lo contrario, cada cosa, cada acontecimiento, es sospechoso y sospechable de ser aquello de que no tiene traza.²⁰

Observamos, neste sentido, uma diferenciação entre as concepções de América Latina elaboradas por Victoria Ocampo e Gabriela Mistral. Por um lado, a escritora portenha defendia a necessidade de expressão, entendida como manifestação escrita e artística dos latino-americanos, como uma forma de edificar uma cultura propriamente “nossa”. Em contrapartida, a poetisa chilena reafirma que a essência da *americanidad* reside na terra e nas populações indígenas, capazes de elucidar os caminhos para o progresso do continente. Enquanto a primeira observa uma tarefa a ser realizada, a segunda propõe a observação do passado, em que já estariam guardadas essas respostas.

Ao propor que Ocampo “esquecesse” a cultura, Mistral parece referir-se à noção de “alta cultura”, isto é, de certa tradição literária europeia, especialmente, inglesa e francesa. Por conta das inúmeras referências literárias a outros escritores e suas obras, Ocampo prendia-se excessivamente a tal tradição e deixava de observar a realidade em que estava inserida. Escrevia sobre o outro, com as ferramentas dos outros. Em contrapartida, mais do que escrever sobre suas experiências, Mistral exigia que Ocampo se atrevesse a ser *criolla*. Pela utilização do termo, ela se referia à possibilidade de coadunar o cosmopolitismo pelo qual

¹⁹OCAMPO, Victoria. Palabras Francesas. In: *Testimonios: Primera Serie*. Buenos Aires: Ediciones Sur, 2012.

²⁰“Se eu não tivesse sido americana, bem, provavelmente não sentiria essa sede para explicar, de nos explicar e me explicar. Na Europa, quando ocorre uma coisa, diz-se que já está explicado de antemão. Cada evento nos dá a impressão de levar, desde o nascimento, uma pulseira de identidade. Aqui, pelo contrário, tudo, todo acontecimento, é suspeito e suspeitável de ser aquilo que não tem traço.”OCAMPO, Victoria. Palabras Francesas. In: *Testimonios: Primera Serie*. Buenos Aires: Ediciones Sur, 2012.

Ocampo era afeiçoada, ao mesmo tempo em que deveria reiterar sua *argentinidad*. Para isso, deveria ouvir ao seu mundo, aos seus pares e, fazer da escrita, um meio para relatar sua forma de ver o mundo.

Escribelotuyo; suéltate, no pulas demasiado, atrévete a ser *criolla*. Acuérdate de Sarmiento, de Güiraldes, de los otros. Olvida la cultura, ya es una mala palabra. Tírala y escribecon olvido de lo que sabes y que es extraño a tu sangre, con olvido total de cuanto no este en tu sangre, sino entussesos”²¹

Se Mistral enxergava na ligação com a terra a essência primordial da natureza, Ocampo era entusiasta da urbanização das cidades, o símbolo maior de modernidade. A efervescência da capital portenha na virada do século XIX para o XX, com o imenso afluxo de imigrantes e intensa atividade portuária, colaboraram para que Ocamporeconhecesse em Buenos Aires o porvir de uma capital moderna e cosmopolita, em que habitariam e conviveriam indivíduos de diversas origens. A função de agitadora cultural assumida por Victoria Ocampo é marcada pelo empenho em garantir a continuidade do periódico, inclusive, como missão de vida. São constantes as afirmações do seu propósito de formar leitores e leitoras latino-americanos, especialmente argentinos, por meio da tradução e publicação de escritores de diversos países.

A missão de *democratização* cultural, que orientava a agenda cultural de *Sur*, indica a complexidade do desejo em promover a educação por meio da difusão das artes e da literatura, mas, ao mesmo tempo, enfatiza o entendimento de que a “verdadeira” cultura seria a letrada e erudita. Ademais, o esforço para eliminar as barreiras culturais, mediante a um projeto estético comprometido com o internacional, muitas vezes deixava de manifestar a dimensão conflitiva e hierárquica entre as culturas europeias e latino-americanas. Uma hipótese a ser considerada sobre a ausência de posicionamentos mais críticos sobre esta relação refere-se ao desejo de consagrar-se enquanto uma mediadora cultural entre as Américas e a Europa. Embora reconhecesse que, de fato, era uma mulher, nascida na Argentina e que, por conta de sua nacionalidade, enfrentaria certos obstáculos em seu relacionamento com intelectuais europeus e norte-americanos, Ocamponão se manifestava abertamente sobre isso, uma vez que poderia acarretar prejuízo a sua imagem pública.

²¹“Escreva sobre aquilo que já lhe é seu; solte-se, não brinque demais, ouse ser *criolla*. Lembre-se de Sarmiento, de Güiraldes, dos outros. Esqueça-se da ‘cultura’, essa já é uma palavra ruim. Jogue-a fora e escreva com o esquecimento daquilo que você sabe ser estranho ao seu sangue, com o esquecimento total do que não está em seu sangue, mas sim, em seu cérebro”. MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] para Victoria Ocampo. *In Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. El Cuenco de Plata: Buenos Aires, 2006.

Como o principal intuito da escritora chilena era o de persuadir sua interlocutora para que ela demonstrasse efetivo comprometimento com as questões hispano-americanas, as críticas de Mistral eram construídas como sugestões direcionadas ao aprimoramento individual e profissional de Ocampo. Afinal, Mistral demonstrava a profunda valorização das qualidades de Victoria Ocampo enquanto escritora e editora, justamente para afirmar como tais atributos eram indispensáveis à causa da *americanidad*. A poetisa sabia dos percalços e dificuldades enfrentadas pela portenha em obter o reconhecimento almejado, especialmente nos primeiros anos de sua carreira de escritora. Assim, afirmava Mistral que, por ser uma escritora de renome – ou, *para ser* uma escritora de renome –, a portenha deveria integrar o debate público sobre as questões políticas e sociais de seu país e da América Latina como um todo.

Ao defender a possibilidade de criação de uma nova forma de identidade latino-americana que estivesse de acordo com a personalidade de sua interlocutora, Mistral apresentava a sua concepção: o processo de construção identitária estaria atrelado a uma descoberta de caráter pessoal e íntimo, portanto, subjetivo. Escapando de qualquer delimitação precisa, a identidade seria o reflexo da reunião de um repertório de imagens cujo sentido residia dentro do “eu”. Por conta disso, a escritora chilena afirma que “la americanidad no se resuelve en un repertorio de bailes y de telas de color ni en unos desplantes tontos e insolentes contra Europa [...] Hay mil direcciones y sendas posibles dentro de ella y Ud. Puede escoger, consu tino sutil, las más insospechadas”.²² Não bastava reconhecer símbolos vazios e sem significados para se contrapor aos símbolos europeus: o propósito da descoberta identitária era reconhecer, em sua própria tradição, elementos a serem valorizados e consagrados.

Ao mesmo tempo em que Mistral reafirmava a necessidade da conformação identitária estar associada a subjetividades particulares, observamos como, na realidade, a defesa da *americanidad* estava atrelada ao compartilhamento de certos compromissos coletivos, como a defesa da causa indígena e a reforma agrária. Tal ambiguidade pode indicar como a poetisa repensou a questão e reconheceu a identidade como uma construção mais política e coletiva do que subjetiva, o que ocasionou o deslocamento do eixo central de sua argumentação. Ou

²² “A americanidade não é resolvida em um repertório de danças e quadros coloridos ou na grosseria tola e insolente contra a Europa [...] Existem milhares de direções e caminhos possíveis dentro dela e você pode escolher, com seu tato sutil, a mais insuspeita.” MISTRAL, Gabriela [Carta, 31 de agosto de 1937, Rio de Janeiro, Brasil] para Victoria Ocampo. In *Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2006.

ainda, poderia ser parte de uma estratégia argumentativa para garantir que Ocampo se sentisse minimamente simpática às causas coletivas. Desta maneira, embora Mistral afirmasse que o caminho de construção das identidades latino-americanas fosse percorrido de maneiras distintas por cada indivíduo, identificamos que, para a escritora, o comprometimento político com certas questões do subcontinente não devia ser deixado de lado. Isto é, as questões sociopolíticas eram elementos que marcam de maneira decisiva aquilo que a poetisa identificava como característico da América Latina. Assim, a formação das identidades era ao mesmo tempo um traço subjetivo e compromisso ideológico.

Por meio de tais apreciações, é possível averiguar como a epistolografia se conformou enquanto espaço que possibilitava reflexões sobre os significados da identidade hispano-americana, ao mesmo tempo em que proporcionava às correspondentes um local para defender suas visões particulares de América. À medida que Mistral advogava fervorosamente pela necessidade de comprometimento de Ocampo com seu país de origem, também recebia críticas pela opção de morar na Europa. Nas palavras de Ocampo: “Tú vives fuera de Nuestra América, y por consiguiente ignoras los mil pequeños y grandes obstáculos que diariamente nos salen al paso y que es difícil vencer”.²³

Tais mobilizações demonstram como as concepções de Mistral não são estáticas e estanques, mas foram constantemente colocadas à prova de suas experiências e dos acontecimentos que decorreram em seu tempo. Por este motivo, acreditamos que as inclinações para a Europa de Victoria Ocampo devem ser matizadas. Afinal, assim como a amizade e diálogos de caráter intelectual e pessoal amadureceram, suas respectivas capacidades de autocrítica e autoexame também modificaram ao longo dos anos.²⁴

Como visto, as correspondências permitiram que Ocampo e Mistral aprofundassem os debates a respeito dos entendimentos sobre as identidades latino-americanas, bem como que

²³“Você mora vira da “Nuestra América”, e por consequência, ignora os pequenos e grandes obstáculos que diariamente nos atravessam e que são difíceis de vencer”. OCAMPO, Victoria. [Carta, 22 de junho de 1951, Buenos Aires, Argentina] para MISTRAL, Gabriela Mistral. *In Esta Nuestra América: correspondência, 1926 – 1956*. Buenos Aires: El cuenco de Plata, 2006.

²⁴ Ocampo afirma que tanto Gabriela Mistral quanto Águeda, uma indígena de origem guarani de quem Ocampo descobriuser descendente, haviam contribuído para que reconhecesse a herança indígena, uma por meio do sangue e outra do exemplo. Se, por um lado, havia herdado o sangue indígena de Águeda, Mistral teria contribuído de maneira direta para que se conferisse a devida importância ao passado pré-colombiano de nosso continente. Nesta circunstância, observa-se equiparação de Mistral à sua ancestral indígena, como se simbolizassem o canal de encontro com seu passado, fosse pelo sangue, fosse pela cultura. A mobilização deste repertório nos últimos anos de sua vida pode ser entendida tanto como fruto de autocrítica e revisão de posições pessoais, como, ainda, uma forma de tentar modificar seu legado, reafirmado sua especificidade de *criolla* para o resto do mundo.

cobrassem uma da outra posicionamentos mais contundentes em relação à realidade social e política do continente. Assim, as escritoras adquiriram a consciência de que, embora as correspondências possuíssem caráter privado, poderiam vir à tona, como de fato vieram, e que seriam relevantes tanto para disputas políticas e ideológicas em voga em seu presente, como para endossar seus legados. Enquanto Mistral defendia os camponeses *mestizos* e os indígenas como os “verdadeiros” latino-americanos, Ocampo reivindicava para si e sua família da elite *criolla* a verdadeira *argentinidad*, ancorada no repertório simbólico dos pampas e dos gaúchos, ao mesmo tempo em que ressaltava seu ímpeto cosmopolita. Por outro lado, a chilena enfatizava a importância do retorno à terra para o desenvolvimento espiritual e material, como uma forma de retorno às origens, enquanto a escritora argentina observava, com grande entusiasmo, a modernidade associada à urbanização.

O contraste dessas percepções fez com que, por intermédida escrita, Ocampo e Mistral repensassem suas subjetividades, ao mesmo tempo em que desejavam persuadir uma a outra sobre quais seriam os encaminhamentos apropriados para a América Hispânica. Dedicadas à defesa de seus ideais, embora divergissem sobre sua concepção de “América”, ambas colaboraram para a emergência da América Latina no cenário cultural mundial, cada uma à sua maneira. A produção discursiva de Mistral contribuía para o estabelecimento de uma nação literária ainda em construção à medida que a autora escancarava temáticas pungentes na sociedade chilena do período.

O comprometimento de Ocampo com a tradução, publicação e divulgação de obras estrangeiras e nacionais nas páginas da *Sur* foi igualmente importante para a circulação de obras literárias, dentro e fora da América Latina. Ao longo de sua produção ensaística, epistolar e autobiográfica, a escritora demonstrou o amadurecimento da forma como observava o nacional e o cosmopolita. Em sua idade mais madura, a portenha demonstra o reconhecimento da tradição literária e intelectual de seu país e relativiza a centralidade da Europa na qualidade de espaço de produção de saberes. Embora não com o mesmo entusiasmo e fervor que Mistral, Ocampo reconhece enquanto *criolla*. Observamos, neste sentido, como as disputas acerca dos símbolos e significados sobre as identidades latino-americanas não dizem respeito apenas às questões políticas e ideológicas, mas à conformação de suas subjetividades, especialmente considerando como naquele momento histórico eram de primeira ordem.

Deste modo, as análises direcionadas à trajetória de mulheres intelectuais atuantes na América Latina, durante a primeira metade do século XX, devem apontar para as nuances e ambiguidades existentes em seus discursos, apostando na pluralidade e multiplicidade de suas experiências. Ao contrário de mulheres dedicadas exclusivamente à militância política, Mistral e Ocampose dividiam no que diz respeito à construção de suas identidades políticas e, ao mesmo tempo, negociavam o seu reconhecimento enquanto escritoras profissionais. Esses fatores devem ser entendidos comodeterminantes para a construção de suas subjetividades, tanto na vida pública quanto na vida privada. Assim, as correspondências, quando utilizadas de modo crítico e a partir de procedimentos metodológicos claros, podem contribuir de maneira significativa para os estudos de gênero, uma vez que permitem aos investigadores desvendar o pano de fundo de suas atuações na vida pública.

Referências bibliográficas

Fontes

MORA, C. (s/d). *Mistral y las vanguardias*. Centro Virtual Cervantes, 2008.

Livros

BEIRED, José Luis Bendicho. *Sob o signo da nova ordem. Intelectuais autoritários no Brasil e na Argentina*. São Paulo: Loyola/História Social-USP, 1999.

BERGMANN, Emilie L. *Women, culture, and politics in Latin America*. Berkeley: UniversityofCalifornia Press, 1990.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes & AMADO, Janáina (orgs.). *Usos e abusos da História Oral*. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Editora, 1998.

BURKE, Peter. *A Escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 2011.

CHARTIER, Roger. *A história cultural; entre práticas e representações*. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: BertrandBrasil, 1990.

DUBY, George; PERROT, Michele. *História das Mulheres no Ocidente, v. 4*, Porto: Edições Afrontamento, 1995.

FEDERICI, Silvia. *Calibã e a Bruxa: Mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Editora Elefante, 2017.

FRANCO, Stella Maris Scatena. *Peregrinas de outrora: viajantes latino-americanas no século XIX*. Florianópolis, SC: Editora Mulheres, 2008.

GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

KING, John. *Sur: estúdio de la revista argentina y de su papel en el desarrollo de una cultura. 1931-1970*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito: a escrita autobiográfica na América Hispânica*. Chapecó: Argos, 2003.

Capítulos

CHARTIER, Roger. “As práticas da Escrita”. In: ARIÉS, Philippe. (orgs.) *História da Vida Privada: Da renascença ao século das luzes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. Vol. 3, pág. 113 -161.

_____. Diferenças entre os sexos e dominação simbólica (nota crítica). *Cadernos Pagu* (4) – fazendo história das mulheres, Campinas, Núcleo de Estudos de Gênero/UNICAMP, pp.40-42. 1995.

LEJEUNE, Philippe. “A quem pertence uma carta?” In: _____. *O pacto autobiográfico: de Rousseau à Internet*. Org. Jovita M. G. Noronha. Trad. Jovita M. G. Noronha e Maria I. C. Guedes. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 251-254.

OCAMPO, Victoria e STEINER, Patricia Owen. *Victoria Ocampo: writer, feminist, woman of the world*. Tradução. Albuquerque, NM: University of New Mexico Press, 1999.

PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

SARLO, Beatriz. *La Máquina Cultural: maestras, traductores y vanguardistas*. Buenos Aires: Seix Barral, 2007.

_____, *La Batalla de las Ideas, 1943 – 1973*. Buenos Aires: Emecé Editores, 2007.

SCHRODER, Daniela. Between indigenism and mestizaje (miscegenation): interpretations about the colonial in the prose of Gabriela Mistral. *Universum: Talca*.v. 31, n.2, p.229-244, 2016.

_____. *Gabriela Mistral: el proyecto de Lucila*. Santiago: LOM; Embajada de Brasil en Chile, 2005

SCOTT, Joan W. *A cidadã paradoxal. As feministas francesas e os direitos do homem*. Florianópolis: EditoraMulheres, 2002.

_____, *Gender: a useful category of historical analyses. Gender and the politics of history*. New York, Columbia University Press. 1989.

SILVA, Paulo Renato da Silva. *Victoria Ocampo e intelectuais de “Sur: cultura e política na Argentina (1931-1955)*. Campinas, SP : [s.n.], 2004

TEITELBOIM, Volodia. *Gabriela Mistral pública y secreta: truenos y silencios en la vida del primer Nobel latinoamericano*. Santiago: BAT, 1991.

VÁSQUEZ, Carola Gabriela, *Gabriela Mistral: das danças de roda de uma professora consulesa no Brasil / Carola Gabriela Sepúlveda Vásquez*. – Campinas, SP : [s.n.], 2014.

ZEMBORAIN, Lila. *Gabriela Mistral: uma mujersin rostro*. Buenos Aires: Viterbo Editora, 2002.

Periódicos

- COSTA, Claudia de Lima. “O tráfico de gênero” in *Cadernos Pagu*, vol II, 1988,p. 127 – 140.
- COSSE, Isabella. “La lucha por los derechos femeninos: Victoria Ocampo y la Unión Argentina de Mujeres (1936)”. *Revista Humanitas*, XXVI, 2008, P. 131-149
- DIAZ, José-Luis. “Qual genética para as correspondências?” Tradução Cláudio Hiro e Maria Sílvia B. Ianni. In: *Manuscrita. Revista de crítica genética*, São Paulo, n. 15, 2007.
- GARRIDO DONOSO, Lorena. Género epistolar y hermandad artística en la poesía de mujeres de la primera mitad del siglo XX. *Revista de Lit. Lingüística*. Santiago ,n. 29, 2014, p. 10-15.
- GOIC, Cedomil, “Recado a Victoria Ocampo, en la Argentina”, de Gabriela Mistral” In: *Estudios filológicos* 45, 2010.P. 35-47.
- MANZANO, Rolando “Recorrer la vida desde la vereda contraria” In: *DIBAM, Revista Patrimonio cultural N° 46*, Santiago: Año XIII, 2008.
- MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla B.; LUCA, Tânia Regina de (Org.). *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-221.
- MARTING, Diane. *Spanish American Women Writing: a bio-bibliographical source book*. New York: Greenwood Press, 1990
- MEYER, Doris. The Early (Feminist) Essays of Victoria Ocampo, In: *Studies in 20th Century Literature: Vol. 20: Iss. 1, Article 4*, 1996.
- MORAES, Marcos Antonio de. Epistolografia e crítica genética. *Revista Ciência e Cultura (SBPC)*, São Paulo, v. 59, n. 1, p. 30-32, jan.-mar. 2007.
- _____, Marcos Antonio de. *Orgulho de jamais aconselhar: a epistolografia de Mário de Andrade*. São Paulo: EDUSP/FAPESP, 2007.
- MAUÁ NUNES, Ana Beatriz. “Para quebrar o monólogo masculino: reflexões sobre o papel das mulheres no mundo das letras nas correspondências de Gabriela Mistral e Victoria Ocampo, 1926 – 1956.” *Revista Eletrônica da ANPHLAC*, Revista Eletrônica da ANPHLAC, ISSN 1679-1061, N°. 24, p. 101-131, Jan./Jun., 2018.”

Teses

- MOTTA, Romilda Costa. *Práticas e representações de si: Os escritos autobiográficos da mexicana Antonieta Rivas Mercado e da brasileira Patrícia Galvão*. Tese de doutoramento, FFLCH/USP. 2015